



# Maria do Barro

A artesã Maria do Barro desenvolveu um plano de assentamento para as famílias da invasão da 110 Norte. Para isto, conseguiu terrenos em Brasilinha e Padre Bernardo, num projeto em que a ecologia da região será respeitada e se possa viver com dignidade humana. "Não aceno com a terra prometida..., mas sim com local onde se desenvolverá um trabalho honesto", diz.

## Planos para a invasão da 110 Norte

SEVERINO FRANCISCO  
Da Editoria de Cultura

A artesã Maria do Barro elaborou um "plano emergencial" de ação para assentamento das famílias da invasão da 110 Norte em dois locais: Brasilinha e Padre Bernardo (a 13 km de Brazlândia). Mas, antes de tudo, ela faz questão de afirmar: "Eu só quero oferecer uma opção. Só vai quem quiser. Eu não aceno com nenhuma terra prometida onde escorrerão o leite e mel, mas sim um local onde se desenvolverá um trabalho honesto, com muito suor, mas com muito trabalho". Ela diz que desde o momento em que surgiu com a proposta de assentamento das famílias da 110 Norte, em Brasilinha, começaram a circular estranhos boatos na invasão: "Existe uma preocupação no sentido de que as pessoas passariam a trabalhar para a Fundação Maria do Barro — comenta. E continua: "Pelo contrário: o que Maria do Barro tem de mais digno em sua vida é não possuir absolutamente nada em termos de bens materiais".

Maria do Barro solicitou um período de 30 dias de carência junto ao GDF, para possibilitar a transferência das famílias da 110 Norte para o outro espaço em condições de dignidade humana. E, neste período, ela tem feito uma corrida incessante junto a instituições como o PNDA (Programa Nacional de Desenvolvimento



Nos planos de Maria, construção de casas com materiais baratos, como o barro.

do Artesanato, do Ministério do Trabalho, à LBA (Legião Brasileira de Assistência) e várias outras entidades. Segundo o plano emergencial, durante o período de 15 de junho a 15 de julho, a Fundação Maria do Barro se propõe a fazer um cadastramento das famílias e dos principais líderes da comunidade. O planejamento arquitetônico será integrado à ecologia da região em uma ação capaz de manter o

equilíbrio de cada família. Esse trabalho será coordenado pelo arquiteto José Luiz Kinceler. Haverá um trabalho incessante para conseguir a cesta básica de alimentos, pelo menos para o primeiro mês de assentamento das famílias: "As crianças de zero a seis anos serão supridas de leite e as outras receberão uma merenda correspondente à merenda escolar. Isto já está garantido", assegura Maria do Barro.

Em uma segunda fase do projeto, durante o período de 15 de julho a 15 de agosto, de acordo com a observação das necessidades do trabalho e as exigências da comunidade serão instaladas luz e água nos pontos estratégicos de cada quadra: "Entretanto, o GDF fornecerá um caminhão pipa para suprir as primeiras necessidades. "A médio prazo, outros recursos seriam concentrados na implantação de hortas comunitárias, creches, escolas e oficinas de trabalho — que garantiriam a sobrevivência da comunidade. Cada família receberá uma cabra de leite e seis galinhas poedeiras". A prefeitura de Brasilinha fez a doação de 115 lotes à Fundação Maria do Barro. Do total, 100 seriam destinados ao assentamento das famílias da 110 Norte e os 15 restantes seriam utilizados pela Fundação Maria do Barro na instalação de creches, escolas e oficinas de trabalho. A intenção de Maria do Barro era comprar uma chácara em Brasilinha: "Mas, antes de fechar o negócio eu resolvi consultar o prefeito e ele conseguiu que a Prefeitura doasse os lotes. Eu entrei nessa depois que vi mães desesperadas".

Será feita a cada morador uma cessão de direitos. Ao final de cinco anos, todos receberão o seu direito de propriedade. A construção das casas definitivas está prevista para um período de três meses: "As casas serão construídas em sistema de mutirão. Isto dá mais trabalho. Mas também cria amizade e respeito pela casa onde você mora", diz Maria do Barro. Ela fundou comunidades, realizou pesquisas para construção de casas com a utilização de suportes mais baratos (barra, argila no assentamento de tijolos e no reboco de paredes, solocimento), trabalhou com presidiários (com apoio do Inera): "Trabalhar em presidio foi um prêmio para mim. Terminei carregada nos braços deles. Não, eu não tenho medo de homem. Tenho medo é da cartola dos lobisomens", diz Maria do Barro. Viajou muito, tanto pelo exterior quanto pelo interior do Brasil. Chegou a morar sete anos com os índios do Amazonas, com quem aprendeu muito da ciência do barro. Apesar da decepção com a mesquinha do mundo urbano, ela resolveu voltar porque acredita na liberdade do homem: "Só o homem constrói o próprio homem. Não tem leis ou sistemas. Existe muito mais investimento em uma feira de gado do que em um congresso indigno. A escola e a piedade humilham e martirizam o homem. O homem precisa descobrir o seu potencial e desenvolvê-lo".

## Afinal, quem é esta mulher?

A esta altura, muita gente deve estar perguntando: mas, afinal quem é esta mulher "pirada" que resolve se meter na confusão da invasão da 110 Norte? E, ainda por cima, promete conseguir lotes pra todo mundo se acomodar com dignidade? Ela já organizou comunidades de artesãos do barro no Amapá, Roraima, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo, Maranhão, Brasília e Santa Catarina. Tudo está documentado em recortes de jornais e/ou projetos por onde ela andou. E, apesar de ser uma das mais lendárias artesãs do barro no País, Maria do Barro não faz propriamente peças de barro. O barro é apenas um meio de comunicação, uma forma de revelar as pessoas; uma maneira de fazer as cabeças e assumir a dignidade humana pelo trabalho: "Eu não faço peças de barro. — diz Maria do Barro. Eu faço gente virar gente".

Em cada lugar, ela propõe um projeto diferente, em sintonia com a necessidade dos participantes e com a ecologia da região. As vezes, ela começa sapateando em cima do barro nas ruas, acompanhada pelas crianças. Ao invés de curso, prefere chamar sua proposta de etapa da vida ou de ciclo da vida. Os alunos cumprem todo o ciclo do barro: da coleta à queima, da modelagem à estilização. Ela é rigorosa: faz um acompanhamento minucioso de todo o trabalho. As peças criadas durante os projetos de Maria do Barro não renegam os valores do folclore, mas rompem totalmente com a visão tradicional, através de uma nova noção de utilização no espaço, uma renovação no tratamento dos materiais, uma pesquisa da sensibilidade e da expressão. Os trabalhos são projeções das vivências dos alunos. Em Brasília, por exemplo, isto ocorreu através da recriação das linhas esculturais da arquitetura e das formas retorcidas do cerrado. Muitos podem se espantar ao se depararem com peças de exposições coordenadas por Maria do Barro. Algumas peças lembram verdadeiras erosões. Ela diz que é preciso respeitar a escória. Porque quando se respeita determinado objeto você respeita a ideia a que corresponde aquele objeto: "Se o seu filho quebra um braço você não o joga no lixo. O joga?". Justifica Maria do Barro.

Maria do Barro não gosta de biografias com datas, endereços, cronologias: "Nome e documentos só embaraçam os caminhos. As pessoas são o que elas fazem". Mas, sabe-se que esta cearesne de

MILA PETRILLO



67 anos, já virou meio mundo de cabeça para baixo e transita por alguns idiomas. Ela diz que somente os aviões, ônibus, trens, lotações, peruas, carros de boi, mulas e burricos poderão testemunhar porque a levaram às estratosferas, aos asfaltos, às estradas de chão, atalhos, caminhos e veredas dos grandes centros artesanais como Caracas, Macaiba, Bogotá, Lago de Titicaca, Assunção, Paloma, Santa Cruz de La Sierra, Laco...: "Este desejo nômade de andar está em cada um. Mas, hoje, as minhas aspirações são menores. Em lugar de buscar a energia dos grandes centros coronários do mundo, como Titicaca, eu procuro a energia nas comunidades carentes. Para mim, a grande energia do mundo está lá".

Maria do Barro é uma mulher infatigável, jorra o tempo todo utopias, idéias, projetos. Ela trabalha sempre com o acompanhamento de técnicos universitários. E justifica: E somente quando um artesão vê um professor universitário metendo o pé no barro que ele acredita que não é um bobo da corte: "Porque os valores do homem do campo são sempre trabalhos. Ele acaba tendo vergonha do trabalho manual".